

---

## Luiz Gama e a consolidação da imprensa paulista no século XIX<sup>1</sup>

Cinthia Maria do Carmo GOMES<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### Resumo

Personagem central da História da Imprensa em São Paulo e no Brasil, Luiz Gama inscreveu seu nome entre os pioneiros da comunicação no século XIX. Fundador de periódicos, incluindo o primeiro semanário ilustrado da cidade de São Paulo - *Diabo Coxo*, em 1864 - , e colaborador regular de diversos outros, entre eles *A Província de S. Paulo* - antigo nome do contemporâneo *O Estado de S. Paulo* - o abolicionista negro também teve diversos de seus artigos reproduzidos nos jornais da Corte. Não apenas os textos jornalísticos de Gama, mas a totalidade de seus escritos em diversos gêneros introduzem uma inovação nas Letras brasileiras: o “eu” negro, o autor negro que se enuncia como tal, que interpreta, representa, produz imagens e se posiciona diante dos fatos a partir desta subjetividade.

### Palavras-chave

Luiz Gama; imprensa; jornalismo; identidade negra; representação.

*Se o Luiz Gama fosse vivo  
ele chorava com muita razão  
porque foi ele que voltou com a liberdade  
tem nego na cidade que ainda chora escravidão  
(Batuque de Umbigada<sup>3</sup>)*

### 1. Introdução

O surgimento da imprensa em São Paulo data de 1823, com o jornal *O Paulista*, quinze anos depois do estabelecimento da Imprensa Régia e da autorização para se publicar jornais, livros e panfletos no Brasil. O primeiro periódico paulista era um manuscrito, de exemplar único, que circulava entre cinco assinantes, publicado duas vezes por semana. Embora os jornais na maioria das demais províncias contassem com uma distribuição crescente, graças à tipografia, as dificuldades técnicas retardaram o desenvolvimento do jornalismo em São Paulo. Em comum à atividade da imprensa de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Ciências da Comunicação da ECA-USP. Email: cinthiagomes@usp.br

<sup>3</sup> O batuque de umbigada é uma tradição cultural de origem banto criada por escravizados da região do Alto Tietê, no interior paulista. As modas cantadas e dançadas registram fatos, personagens e anedotas do cotidiano, constituindo-se como um importante registro histórico na oralidade.

todas as regiões do país havia a efemeridade das publicações, algumas chegando a ter apenas uma única edição, além do forte caráter político e panfletário dos conteúdos veiculados, alguns alinhados à manutenção da monarquia, outros, aos ideais republicanos, além daqueles que defendiam a abolição da escravatura.

É nesse contexto que, em 1864, o poeta, advogado e abolicionista negro Luiz Gama cria, ao lado do ilustrador e caricaturista italiano Ângelo Agostini, o semanário “informativo, crítico e humorístico” *Diabo Coxo*. Bem recebido pelo público leitor da capital paulista, o periódico contava ainda com as colaborações dos irmãos Américo e Bernardino de Campos e de Sizenando Nabuco de Araújo, então bacharéis em Direito. A publicação sai de circulação no ano seguinte e, a partir daí, Gama continua sendo um obstinado colaborador dos meios de comunicação, escrevendo para o *Cabrião*, *A Província de S. Paulo*, *Correio Paulistano*, *Radical Paulistano*, *Gazeta do Povo*, entre outros, e tendo seus textos replicados em veículos de outros estados. Ele volta ser proprietário de outro jornal em 1876, quando adquire *O Polichinelo*.

Nos artigos de Gama, vemos o negro escravizado recuperar sua humanidade, por meio da reconstituição de dramáticas histórias de fuga e castigos recebidos, que não raro terminavam em morte; lemos sobre as injustiças praticadas pelos magistrados da época, que obstavam os deferimentos das “causas de liberdade”, fazendo vistas grossas às práticas de escravidão ilegal, além de recebermos lições sobre o exercício do Direito, a interpretação das leis e os ideais republicanos e abolicionistas.

## **2. Luiz Gama, narrador de seu tempo**

Luiz Gonzaga Pinto da Gama nasceu em 21 de junho de 1830, em Salvador, filho de Luiza Mahin, uma africana livre da Costa da Mina que foi deportada depois de participar de revoltas no estado da Bahia, e de pai branco, de origem portuguesa. Aos 10 anos, foi vendido pelo próprio pai como escravo para um comerciante de São Paulo, para quitar uma dívida de jogo. Seu dono nunca conseguiu revendê-lo porque, após o Levante dos Malês, em 1835, instalou-se um temor acerca dos negros baianos (REIS, 2003). Luiz Gama aprendeu a ler aos 17 anos com a ajuda de um pensionista de seu senhor e começou a frequentar a biblioteca da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Apaixonado pela Lei, realizou seu primeiro grande feito: conseguiu reunir documentos que comprovavam sua condição de homem livre e deixou o cativo. A

---

partir daí, após uma rápida passagem pelo serviço militar, começou a atuar como rábula – aquele que tem permissão para exercer a advocacia sem diploma, já que não frequentou a faculdade por ser negro – e a aceitar “causas de liberdade”. Ele defendia gratuitamente a todos os que o procuravam, vítimas da escravidão ilegal, e também a brancos pobres. Atuando de forma incansável e mesmo sofrendo perseguições políticas, chegando a perder o emprego (ele era funcionário público na Secretaria de Polícia de São Paulo) e passar por necessidades, Luiz Gama conseguiu, em tribunais regidos por brancos e com leis desfavoráveis aos negros, libertar mais de 500 escravizados. Sua brilhante retórica e conhecimento das leis fazem com que, ainda hoje, ele seja considerado por seus pares como “o maior advogado do Brasil”. Como escritor, Luiz Gama é um dos poetas do Romantismo brasileiro. Lançou apenas um livro, *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, publicado originalmente em duas edições, nos anos de 1859 e 1861. Foi também maçom, tendo chegado ao grau de Venerável Mestre na Loja América, e um dos fundadores do Partido Republicano. Como jornalista, Luiz Gama inscreveu seu nome na história da imprensa brasileira, tendo fundado o primeiro semanário ilustrado da cidade de São Paulo, o *Diabo Coxo*, em parceria com o ilustrador e caricaturista italiano Ângelo Agostini, além de ter produzido para diversos veículos. Participou de redes de colaboração formadas por intelectuais negros, integradas, entre outros, por Ferreira de Menezes, José do Patrocínio, André Rebouças e Machado de Assis, que fizeram seus textos serem replicados nos jornais da Corte.

Luiz Gama morreu no dia 24 de agosto de 1882 devido a complicações causadas pela diabetes. O caixão foi carregado pela população, desde sua residência, no Brás, até o cemitério da Consolação. Cerca de 4 mil pessoas (10% da população de São Paulo à época) compareceram ao enterro. Sua morte foi amplamente noticiada pela imprensa de todo o país e repercutida em artigos e editoriais até três anos depois.

Não apenas os textos jornalísticos de Gama, mas a totalidade de seus escritos em diversos gêneros introduzem uma inovação nas Letras brasileiras: o “eu” negro, o autor negro que se enuncia como tal, que interpreta, representa, produz imagens e se posiciona diante dos fatos de acordo com esta subjetividade.

### 3. O Getulino

No dia 2 de outubro de 1864, houve tumulto e confusão na porta da Tipografia e Litografia Alemã, de Henrique Schröder. Era um domingo. Leitores ansiosos disputaram o exemplar inaugural do *Diabo Coxo*, o primeiro jornal ilustrado da capital paulista e que fazia frente à *Semana Ilustrada*, publicada no Rio de Janeiro por Henrique Fleiuss. O jornal tinha oito páginas - quatro de ilustrações e caricaturas, e outras quatro de textos (entre artigos, poemas, notícias e anedotas). O lançamento foi um grande êxito, segundo descreve Antônio Luiz Cagnin no texto de apresentação da edição fac-similar da coleção completa do periódico:

Foi um sucesso, como ele próprio [Ângelo Agostini] registrou numa caricatura: os leitores afoitos acotovelavam-se diante da Litografia Alemã para adquirir o número inaugural de 2 de outubro de 1864. Foi um pandemônio! Um atropelo! Foi o diabo! O *Diabo Coxo* alvoroçou, de fato, a pequena e pacata São Paulo de então.<sup>4</sup>

Foram publicadas duas séries de 12 números cada, a primeira, de 2 de outubro a 25 de dezembro de 1864, e a segunda, de 23 de julho a 31 de dezembro de 1865. Luiz Gama era o fundador e redator principal. Embora não assinasse os textos, é impossível dissociar o espírito abolicionista com a inscrição da subjetividade negra em passagens como a que se segue, publicada no número 9 da série II, em 24 de setembro de 1865:

*"RUA DO COMMERCIO*

*...Na padaria italiana precisa-se alugar um preto bom para o serviço da mesma."*

Repelimos a insinuação e desafiamos ao dono da padaria para um duelo de marradas. Este anúncio é um insulto atirado grosseiramente a face dos fidalgos brasileiros de origem lapuza e africana.

Mande o sr. padeiro vir um malungo seu da Europa, e abstenha-se de insultar a sombra venerada de nossas avós.

Com certa frequência, Luiz Gama recorria a pseudônimos. Sob a assinatura de "Barrabrás", o jornalista e morador do bairro do Brás, na região central de São Paulo, publicou a sátira "Epístola familiar" no número 12 do *Cabrião*. Como "Getulino"<sup>5</sup>, publicou o poema "Meus Amores", "o primeiro da literatura brasileira a exaltar a beleza

<sup>4</sup> CAGNIN, Antonio Luiz. *Foi o Diabo!* In: GAMA, Luiz. *Diabo Coxo*. São Paulo: Edusp, 2005.

<sup>5</sup> Com o gentílico "Getulino", Luiz Gama refere-se a Getúlia, antigo nome de uma região do norte da África correspondente hoje a áreas litorâneas da Tunísia e da Argélia.

---

e a sensualidade da mulher negra" (FERREIRA, 2011, p. 25), em cuja primeira das 14 estrofes assim versa:

Meus amores são lindos, cor da noite  
Recamada de estrelas rutilantes  
Tão formosa crioula, ou Tétis negra,  
Tem por olhos dois astros cintilantes <sup>6</sup>

Luiz Gama foi um escritor profícuo, com incursões na Literatura e no Jornalismo. Também empregava com eloquência e retórica a palavra falada, em suas conferências – em encontros maçônicos, republicanos e abolicionistas – e defesas diante dos tribunais. Mas são especificamente os textos destinados ao campo ainda iniciante do Jornalismo que nos interessam neste estudo. Além de ter fundado, tornado-se proprietário e ter sido redator de jornais, Gama também foi colaborador de diversos veículos. O livro *Com a Palavra, Luiz Gama. Poemas, artigos, cartas, máximas*, apresenta uma coletânea de dezoito artigos de Gama publicados na imprensa entre 1869 e 1882, entre outros escritos, organizados por Lígia Fonseca Ferreira. Sobre o conjunto, ela comenta:

Assim como seus poemas, os artigos de Luiz Gama não são textos simples. Além da complexidade referencial e da necessidade mínima de se compreender o contexto, refletem um estilo elaborado, um domínio retórico e de vários gêneros discursivos. Por outro lado, ficam evidentes seus ajustes enunciativos, à medida que se ampliam os temas, o foco, os alvos e os destinatários, implícitos e explícitos, de um personagem multifacetado que busca magnificar acontecimentos locais e pessoais, politicamente interpretadas à luz de questões candentes enfrentadas pelo país. (FERREIRA, 2011, p.97)

A forma como o escravizado é representado nos artigos de Luiz Gama em muito diverge da sub-representação ou da ausência dessa figura no noticiário da época. Para entender os processos de construção da imagem e de representação utilizados pelo autor, faz-se necessário contrastar os textos de Gama aos registros mais comuns à época, como os anúncios de compra e venda de escravos - sujeitos que apareciam também em algumas outras e bem determinadas seções dos jornais, como descreve Schwarcz (1987):

---

<sup>6</sup> GAMA, Luiz. *Meus amores*. In: FERREIRA, Lígia Fonseca (organização, seleção e notas). *Com a Palavra, Luiz Gama – Poemas, Artigos, Cartas, Máximas*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

Nelas, o negro aparece com grande frequência e podemos encontrá-lo envolvido em vários e diferentes espaços que vão como que definindo e redefinindo a figura e a condição negra e escrava: existe o negro das "ocorrências policiais", o negro violento que se evadiu, o negro que é centro de notícias escandalosas, o negro dependente e serviçal que é oferecido enquanto "peça de bom funcionamento" ou mesmo o negro "objeto" de discurso dos editoriais científicos. (p.99)

Assim, a representação proposta por Gama, que devolvia a dimensão humana ao escravizado, encontrava-se em oposição ao *status quo* da época, lembrando ao leitor da incivilidade intrínseca ao racismo que baseava as relações etnicorraciais e justificava a escravidão. É o caso deste trecho da “Carta a Ferreira de Menezes”, publicada no jornal *A Província de São Paulo*, em 18 de dezembro de 1880.

Foi no município de Limeira; o fato deu-se há dois anos. Um rico e distinto fazendeiro tinha um crioulo do norte, esbelto, moço, bem parecido, forte, ativo, que nutria o vício de detestar o cativo: em três meses fez dez fugidas!

Em cada volta sofria um rigoroso castigo, incentivo para nova fuga.

[A] mania era péssima, o vício contagioso e perigosíssima a imitação.

Era indeclinável um pronto e edificante castigo.

Era a décima fugida, e dez são também os mandamentos da lei de Deus, um dos quais, o mais filosófico e mais salutar é *castigar os que erram*.

O escravo foi amarrado, foi despido, foi conduzido no seio do cafezal, entre o bando mudo, escuro, taciturno dos aterrados parceiros; um Cristo negro, que se ia sacrificar pelos irmãos de todas as cores.

Fizeram-no deitar; e *cortaram-no* a chicote, por todas as partes do corpo; o negro transformou-se em Lázaro, o que era preto se tornou vermelho.

Envolveram-no em trapos...

Irigaram-no de querosene, deitaram-lhe fogo... Auto-de-fé agrário!...

Foi o restabelecimento da Inquisição, foi o renovamento do *touro de Fálaris*, com a dispensa do simulacro de bronze, foi a figura das candeias vivas dos jardins romanos: davam-se, porém, aqui duas diferenças: a iluminação fazia-se em pleno dia; o combustor não estava de pé, empalado, estava decúbito; tinha por leito o chão, de que saíra e para o qual ia volver em cinzas.<sup>7</sup>

Percebemos, neste excerto, alguns dos mecanismos e recursos estilísticos utilizados por Gama para a re-humanização do escravizado que, ao mesmo tempo, demonstram o ponto de vista ou o *ethos* do autor diante da barbárie da escravidão: ele enumera características físicas e psicológicas do escravo, narra acontecimentos de sua vida, utiliza referências bíblicas e até mesmo faz uma ousada comparação daquele infeliz a Jesus Cristo, evocando o imaginário da santidade e da redenção, valendo-se da ironia e de fartos elementos descritivos que possibilitam ao leitor reconstruir a imagem,

<sup>7</sup> Com a palavra Luiz Gama... op cit, p. 155-156

ver a cena e sentir a brutalidade do fato noticiado, dando, assim, materialidade ao ideário abolicionista. Tal mudança de perspectiva é possível a partir da enunciação do “eu” negro, traço de autoria reivindicado por Luiz Gama e por alguns poucos escritores afrobrasileiros do século XIX, como o poeta Cruz e Souza. Sobre a inovação da autoria assumidamente negra, Cuti (2010) analisa que “dizer-se implica revelar-se e, também, revelar o outro na relação com o que se revela” (p.51):

Luiz Gama e Cruz e Souza atuaram em prol da abolição da escravatura ao lado de brancos liberais. (...) Entretanto, do ponto de vista literário, foram solitários, em especial no empenho de sua afirmação racial ou crítica ao racismo. Os citados autores, com base em suas experiências de serem racialmente discriminados, desenvolveram textos nos quais deixaram transparecer um posicionamento diferenciado pela constituição de um sujeito étnico negro. No interior do texto, portanto, percebe-se que o ponto de emanção do discurso reivindica para si a identidade com os discriminados e não com os discriminadores. (p. 63)

O discurso de Gama, profundamente marcado pela vivência do racismo, pelas ideias republicanas e pela certeza abolicionista, o coloca como uma voz dissonante, que enuncia proposituras inovadoras e subversivas em seu contexto: um país monarquista e escravocrata. Estudar a produção do jornalista Luiz Gama, analisando os processos de representação do negro que resultam na apresentação ao público leitor de uma imagem bastante diversa do imaginário corrente acerca desse elemento na sociedade, é investigar a emancipação do sujeito através da linguagem, pois, como nos lembra Muniz Sodré:

O imaginário é categoria importante para se entender muitas das representações negativas do cidadão negro, quando se considera que, desde o século passado, o africano e seus descendentes eram conotados nas elites e nos setores intermediários da sociedade como seres fora da imagem ideal do trabalhador livre, por motivos eurocentrados. (SODRÉ, 1999, p.204)

A biografia de Luiz Gama confere-lhe uma posição destacada e diferenciada de outras pessoas de mesma origem. À época, ao negro, fosse brasileiro ou africano, escravizado ou livre, cabia o silêncio. Mas Gama, a partir de seu letramento, autodidatismo e atuação política e social, conquista um lugar de fala, uma voz. Nas palavras do psiquiatra martiniquenho Frantz Fanon (2008, p.33): “Falar é estar em condições de empregar certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.” Gama é o autor que fala sobre um “outro” que, na verdade, é o mesmo: ele é o único intelectual negro

---

do século XIX a ter vivido a experiência da escravidão. Ao representar, com originalidade e a partir desta subjetividade, ele busca interferir na cultura da época, de acordo com Hall (1997, p.15):

A representação é uma parte essencial do processo por meio do qual o significado é produzido e compartilhado entre os membros de uma cultura. Isso necessariamente envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam coisas. (...) Representação é a produção de sentido através da linguagem". (tradução nossa)

Assim, no que se refere às questões de representação da população negra na mídia, percebemos que Luiz Gama inaugura uma tensão dicotômica que perdura até os dias de hoje, entre a sub-representação, com a associação de imagens negativas ou mesmo a ausência deste grupo no noticiário, e o surgimento dessa figura re-humanizada, livre da redução e da estereotipia, um novo discurso possibilitado por uma escrita e por uma voz negras.

### **Considerações finais**

Sem dúvida, Luiz Gama foi personagem central da História da Imprensa em São Paulo e no Brasil. Fundador de periódicos, incluindo o primeiro semanário ilustrado da cidade de São Paulo - *Diabo Coxo, em 1864* -, e colaborador regular de diversos outros, entre eles *A Província de S. Paulo* - antigo nome do contemporâneo *O Estado de S. Paulo* - o abolicionista também teve diversos de seus textos reproduzidos nos jornais da Corte e se tornou, ele mesmo, notícia, quando de sua morte, recebendo homenagens em artigos publicados até três anos depois. Registros fora do campo jornalístico, como a moda de batuque de umbigada reproduzida na epígrafe e a construção da herma no Largo do Arouche, na capital paulista, em 1930 com recursos da comunidade negra, também são índices da trajetória brilhante de Gama. A pergunta é, portanto: por que, apesar da evidente relevância histórica, este personagem não é estudado no cursos de jornalismo e sua atuação é tão parcamente registrada nos livros mais comumente usados nas faculdades?

Em contrapartida, encontramos facilmente referências e deferências ao trabalho do ilustrador italiano Ângelo Agostini, amigo e parceiro de Gama, co-fundador do *Diabo Coxo*. Em *História da Imprensa Paulista: jornalismo e poder de d. Pedro I a*



*Dilma*, de Oscar Pilagallo, o autor dedica apenas um parágrafo a Luiz Gama. Na página 34, ele afirma que o Diabo Coxo "também pode ser incluído no rol dos pioneiros" e que "o jornal estava a cargo de Luiz Gama, poeta, advogado e o mais importante abolicionista de São Paulo". Em seguida, faz alguns apontamentos biográficos, afirma que Gama assumiu a publicação "na condição de ex-escravo e poeta" e conclui que "a maior atração do periódico, no entanto, não era Luiz Gama, e sim as caricaturas de Ângelo Agostini". Em outra obra de referência, *História da imprensa no Brasil*, Nelson Werneck Sodré registra, na página 204, o surgimento do Diabo Coxo, com informações sobre as características e circulação do impresso. Destaca a contribuição de Ângelo Agostini, a quem se refere neste e em outros trechos da obra como "extraordinário artista" e limita-se a dizer que Luiz Gama era o mais velho do grupo e se dedicava ao "apostolado" de libertar escravos. Algumas páginas depois, na nota de rodapé nº 138, Sodré traz uma brevíssima biografia de Gama e, ao final, declara: "Luís (sic) Gama, além de dirigente político dos mais avançados de sua época, foi dos maiores jornalistas que ela conheceu." Entretanto, aparentemente a constatação não o motivou a escrever mais que uma nota de rodapé sobre um "dos maiores jornalistas" do século XIX.

Luiz Gama foi um dos principais intelectuais negros de seu tempo. Já atuava, então, da forma que hoje conhecemos como "multimídia": tendo se alfabetizado aos 17 anos e se tornado um erudito em áreas como Direito, Política, História, Religião e Filosofia, entre outros temas citados em seus escritos. Gama produziu em todos os campos possíveis das Letras: proferiu discursos, redigiu petições jurídicas, publicou na imprensa, escreveu poesia e registrou diversos fatos históricos em cartas. Pensando especialmente na atuação de Luiz Gama no campo então iniciante do jornalismo, ela nos remete a duas questões centrais ainda nos dias de hoje: ética e representação. No entanto, a luta contra os desmandos dos poderosos, a denúncia dos mecanismos pelos quais se perpetuava a escravização ilegal de seres humanos e a defesa dos ideais abolicionistas e republicanos tiveram um custo. Gama foi perseguido, ameaçado, demitido e morreu pobre. Mas nunca recuou ou mudou de posição, a despeito de toda a pressão exercida pelos opositores. Luiz Gama é, portanto, um referencial de ética no jornalismo, é o exemplo daquele que o usa como instrumento, mas não é por ele iludido nem manobrado. E Gama o faz de forma pioneira em sua época: trazendo uma representação inovadora do sujeito negro – que, até então, aparecia em anúncios de compra, venda, aluguel e fuga de escravos – nos textos que publicava em diversos

veículos da imprensa paulista e de outros estados. Em seus escritos, ele re-humanizava essa figura, entendida pelos valores e pela cultura da época como mercadoria, *peça* ou *coisa* (SCHWARCZ, 1996), contribuindo para a mudança do imaginário social e desnaturalizando a escravidão. Luiz Gama conquista, assim, o direito à fala e se coloca como uma voz negra que se insurge contra os discursos dominantes, com uma aspiração principal: uma terra sem rei e sem escravos.

## REFERÊNCIAS

CUTI, L. S. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, L. F. (organização, seleção e notas). **Com a Palavra, Luiz Gama** – Poemas, Artigos, Cartas, Máximas. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_. Ethos, poética e política nos escritos de Luiz Gama. Artigo Mestre, In: **Revista Crioula**, n. 12, nov. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/57813/60862>. Acesso em 13 mai. 2018

\_\_\_\_\_. **Luiz Gama (1830-1882): étude sur la vie et l'œuvre d'un Noir citoyen, militant de la lutte anti-esclavagiste au Brésil**. Tese de doutorado. Paris: Universidade de Paris 3 / Sorbonne Nouvelle, 2001, 4 vols.

GAMA, L. **Diabo Coxo**. São Paulo: Edusp, 2005.

HALL, S. (org.). **Representation**. Cultural Representations and Signifying Practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage Publications/Open University, 1997.

MEDINA, C. **Narrativas da Contemporaneidade: Epistemologia do Diálogo Social**. Tríade: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba, SP, v. 2, n. 4, p. 8-22, dez. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/note/Downloads/2030-Texto%20do%20artigo-3920-1-10-20141215.pdf>. Acesso em 30 jun.2018

PILAGALLO, O. **História da imprensa paulista: jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

REIS, J. J. **Rebelião escrava no Brasil: história do levante dos malês em 1835**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

SCHWARCZ, L. M. Ser peça, ser coisa: definições e especificidades da escravidão no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz e REIS, Letícia Vidor de Souza (orgs). **Negras Imagens: Ensaio sobre Cultura e Escravidão no Brasil**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996.

\_\_\_\_\_. **Retrato em branco e negro** – Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SODRÉ, M. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

---

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TOLEDO, A. (intérprete). **Bendito batuque**. São Paulo: Intrusos Produções e Casa de Batuqueiro de Piracicaba, 2016 CD